

CIDINHA DA SILVA

manual do  
professor

Oh, margem! Reinventa os rios!

  
oficina  
raquel

**Oh, margem! Reinventa os rios!**



CIDINHA DA SILVA

## Manual do professor

RIO DE JANEIRO 2021

1ª EDIÇÃO

**Oh, margem! Reinventa os rios!**



© Cidinha da Silva, 2021  
© Oficina Raquel, 2021

*Editores*  
Raquel Menezes e Jorge Marques

*Revisão*  
Oficina Raquel

*Assistente editorial*  
Mario Felix

*Capa, projeto gráfico*  
Leandro Collares – Selênia Serviços

*Obra da capa*  
Jorge dos Anjos

*Paratexto*  
Vanusa Maria de Melo

**Material digital do professor**

*Autoria*  
Vanusa Maria de Melo

*Revisão*  
Mario Felix

*Diagramação*  
Daniella Riet

DADOS INTERNACIONAIS PARA  
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Silva, Cidinha da, 1967-  
Oh, margem! Reinventa os rios! : manual do  
professor / Cidinha da Silva. – 1. ed. – Rio de Janeiro :  
Oficina Raquel, 2021.

120 p. ; 20,5 cm.

ISBN 978-65-86280-67-8

1. Crônicas brasileiras I. Título.

CDD B869.8  
CDU 821.134.3(81)-32

Bibliotecária: Ana Paula Oliveira Jacques / CRB-7 6963



oficina  
raquel

Rua Pedro Primeiro, nº 7, Centro  
Rio de Janeiro (RJ), CEP 20060-050

## Caro leitor, cara leitora,

Você tem em mãos um livro-rio. Essa denominação, que transita pelos campos da linguagem figurada, é a melhor definição para *Oh, margem! Reinventa os rios!* Por isso mesmo, embora o resultado seja caudaloso, a performance textual de Cidinha da Silva navega por águas suaves. Desse paradoxo nasce este impressionante livro, em que se alternam contos e crônicas.

A crônica nasceu no século XIX, mas foi na segunda metade do século XX que viveu o seu momento de maior esplendor. Ela teve dentre seus expoentes nomes como Carlinhos de Oliveira, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga e Sergio Porto. Esse grupo de escritores conseguiu um feito importantíssimo: dar ao gênero uma “cara” própria. Dessa maneira, traços como leveza, humor e poeticidade, associados até hoje à crônica, embora já aparecessem com frequência na obra de outros cronistas, com eles se fortaleceram e se consolidaram. A consagração crítica obtida por esses autores, associada ao inquestionável reconhecimento do meio editorial, proporcionou o surgimento desse fenômeno. Certo é, porém, que mesmo

antes desse momento de glória, o gênero já se fazia reconhecido, de tal modo que nomes incontornáveis da Literatura Brasileira, como Machado de Assis e Lima Barreto, foram hábeis e talentosos cronistas.

Você deve ter notado que até aqui só foram mencionados homens cronistas, não é mesmo? É porque, filha do jornal e do fenômeno do “fait divers”, a crônica associa-se quase que imediatamente ao mundo exterior, aos conflitos da vida em sociedade. Por outro lado, não constitui segredo o fato de que, por muito tempo, as mulheres estiveram relegadas ao ambiente doméstico. Não tinham, portanto, acesso à fonte primária do gênero: a rua. Apesar disso, autoras como Elsie Lessa, Maria Julieta Drummond e Rachel de Queiroz conseguiram se destacar no universo do gênero no Brasil.

Cidinha da Silva é um dos nomes mais importantes da crônica contemporânea no Brasil e sua relevância no gênero comprova o fato de que a autoria feminina já conseguiu galgar espaços significativos no mercado editorial brasileiro. É importante ainda ressaltar que, cem anos após Lima Barreto ter se destacado, outra voz emerge, trazendo consigo uma visão de mundo filtrada por particularidades próprias da realidade social

do negro no Brasil. Nesse sentido, as margens às quais o título do livro se refere dizem respeito aos sujeitos que dominam o interesse dos escritos de Cidinha: aqueles que estão à margem do *status quo*. São eles que, ao reinventarem os cursos dos rios, mudam suas direções. Conseguiriam então os marginais alterar as trajetórias da sociedade?

O conjunto de textos contido nesse volume, ao trazer um conjunto de situações e personagens que “pensam” os seres à margem, mostra o quanto toda a sociedade tem a se aprimorar com as contribuições advindas dos indivíduos das classes menos favorecidas. E isso não significa dizer que você estará diante de uma escrita panfletária ou que coloca a estética do texto em segundo plano. Pelo contrário, Cidinha da Silva, fazendo uso de um arsenal sofisticado de recursos formais, apresenta ao leitor um precioso volume de histórias curtas que, com certeza, se equipara ao melhor da Literatura Brasileira contemporânea. Deixe-se levar pela correnteza desse rio.

Boa leitura!





# Sumário

Uma carta de Maria Valéria Rezende 11

Prefácio 15

## **Nascente**

Thriller 19

Construção 23

O dia que o livro foi traje de gala 31

Musashi e Spider 33

O carnaval 37

## **Afluente**

Wilson Simonal de Castro 43

Fela Kuti na Broadway 47

Luli Arrancatella: modelo, manequim e  
funkeira 53

Evaldo Braga: um brasileiro 61

## **Leito**

A dúvida 65

As latinhas 69

Os bailes 73

Acabou, Norma, acabou! 77

## **Foz**

A benzedeira 83

Vocês não estão me ouvindo? 87

São três os meninos da minha rua 91

Ônibus especial 93

Solidariedade 97

O lugar de fala de quem se pergunta: em que  
inimaginável mundo novo vivemos? 101

## **Paratexto**

Autora 110

Obra 112

Gênero 116

# Uma carta de Maria Valéria Rezende

Muito querida Cidinha,

Quando você sugeriu que eu fizesse um prefácio para este seu livro, meu coração se sentiu confortado pela sua confiança e amizade, e ainda se sente, e a primeira coisa que tenho vontade de lhe dizer, como sempre, é: Adúpé, minha irmã!

Li e reli seu livro, sempre com a emoção e a admiração que me provocam seus escritos, e me dispus a tentar produzir algo ordenado e suficientemente “objetivo” para se parecer a um prefácio. Mas então fui interrompida pela cena do assassinato de George Floyd, excepcional apenas porque foi visto “ao vivo” pelo mundo inteiro e assim condensou em si todos os milhares

de assassinatos semelhantes que acontecem todos os dias nesta nossa triste terra, no resto do mundo, e os milhões de assassinatos, físicos ou morais, que constituíram parte inesquecível, ainda que ocultada, da nossa História, chamem-se as vítimas George, Miguel, João Pedro, Ágatha, Adama, Guilherme, Wilson, que conhecemos pelos jornais, ou Onirê, Barazinho, Querubim, Alexandra, Marina, Máximo, que encontramos nas páginas deste livro e tantas outras por quem passamos ao longo da vida, talvez sem vê-las.

A partir daquele momento, um turbilhão de emoções, daquelas que a gente não consegue desmisturar nem afogar, tornou-me incapaz de escrever um prefácio ou qualquer outra coisa ordenada. Uma mistura de sentimentos – de indignação e revolta, de impotência e inutilidade minha, junto com uma espécie de culpa por saber que essa secular e brutal injustiça me beneficiou neste mundo de cruel competição – deixou-me quase imobilizada durante esses dias. Não foi a primeira vez que senti isso, mas sempre acabava por me apaziguar e voltar ao “normal”, a aceitar que “o mundo é assim”, e que já tenho feito, ao longo da vida, “o que posso” contra as injustiças. Agora, porém, não é mais

possível apaziguar-me sem que se transforme o mundo e ecoam, para mim, como revelação as palavras da pequena Gianna Floyd: “meu pai mudou o mundo”!

Então me pus a ler e reler, a ver e ouvir, textos, rostos e vozes pretas e percebi com clareza que esse é o caminho: segui-los. Só vocês podem nos guiar nessa luta e estão guiando. Uma grande esperança, então, vence a agonia em mim: não voltaremos mais para trás! Lembrei-me dos autores fundamentais que fizeram minha cabeça e me abriram os olhos, ainda na adolescência... fui reler Franz Fanon e me dei conta de que logo não haverá mais peles pretas cobrindo-se com máscaras brancas e, sem isso, não haverá mais como ocultar a violência que abateu por séculos o mundo todo! Mais importante, porém, é que não se privará mais a humanidade do tesouro de talentos, sabedoria, força, resistência e capacidade criadora ignoradas e reprimidas por séculos, mas cultivadas com todo cuidado pelas mulheres pretas, como farol a nos guiar! Só me cabe dizer, mais uma vez e para sempre: Adúpé, minha irmã, adúpé, meus irmãos!

Um grande abraço da Maria Valéria

15 de maio de 2020



# Prefácio

Dentre todas as escritoras e escritores brasileiros contemporâneos, Cidinha da Silva tem uma das escritas mais singulares e vigorosas. Seu olhar alcança sutilezas do caos permanente, e da crueldade permanente, que é este nosso país chamado Brasil. Sua imaginação conjuga elementos pouco explorados pela literatura contemporânea – por isso é referência não só no cenário brasileiro, mas no exterior.

Nesta coleção de contos e crônicas, histórias e posicionamentos que expõem a complexidade da existência humana, sedimentando uma linguagem – e este é o papel incontornável da boa literatura – que contribui em muito para a afirmação de uma compreensão geral renovada, não só da realidade brasileira, mas da afirmação de uma nova identidade brasileira.



Fico tentado a expor aqui, em breves resenhas, o meu encantamento em relação a cada um dos textos aqui colecionados, tentado a analisá-los um por um, mas isso atenuaria de maneira imperdoável o impacto da primeira leitura, a experiência a que vocês, leitoras e leitores, que ainda não tiveram a sorte de ler este livro, tem, agora, a chance de vivenciar.

Ainda assim quero chamar atenção para a última narrativa desta coleção, “O lugar de fala de quem se pergunta: em que inimaginável mundo novo vivemos?”, sobre a sensibilidade da autora, sobre a sua leitura criteriosa a respeito da, nada óbvia, tensão presente nos constantes embates de nossa rotina brasileira, rotina em que sobressai – em graus diversos, sempre sobressai – o velho e anacrônico racismo estrutural brasileiro. E nisso também, aqui, diante de vocês, com a força que este nosso tempo exige, um livro urgente.

Paulo Scott

**Nascente**



# Thriller

Depois dos primeiros duzentos metros, vencidos como um velocista, Onirê encontrou uma senhora e pediu ajuda. Ela olhou para a camisa ensanguentada, abraçou a bolsa e apertou o passo. Será que ninguém tinha ouvido os tiros, a gritaria? Sinal fechado, carros parados. Os motoristas o observavam e desviavam o olhar, os surpresos, os fatalistas, os indiferentes. As mulheres fechavam o vidro, as crianças no banco de trás perguntavam o que era aquele homem cheio de sangue. Teve mãe que mandou criança calar a boca, sob pena de ser atacada por Onirê. Um jovem branco que ouvia um modão no último volume abaixou o vidro. Onirê apressou-se até o carro, começou a contar o que tinha acontecido. O sinal abriu, o motorista buzinou e arrancou, não sem antes gritar: tá assistindo muito videogame, moleque. Uma vontade de chorar,

de desistir. O temor de encontrar algum policial que o enquadrasse e não acreditasse na sua história deixava um bolo no estômago e a garganta seca. Água, queria água. Sem documentos, sem dinheiro, ensanguentado. Vestia o uniforme da escola municipal, é verdade, mas e aquele menino alvejado pela polícia na favela do Rio que antes de morrer perguntou à mãe: por que o policial atirou em mim, mãe? Ele não viu que eu tava com o uniforme da escola? De todo modo, Onirê precisava de ajuda, tinha medo de não sobreviver sozinho. O desprezo doía na ferida, no osso, mas precisava insistir, buscar ajuda. Movimentou-se até um motorista de táxi que lhe deu atenção enquanto palitava os dentes, ouviu sua história e disfarçou a descrença: sinto muito, mas meu carro é alugado, não posso sujar o banco. Boa sorte aí, rapaz. Pediu auxílio a outro homem, uma senhora, uma moça. Todo mundo tinha medo, ninguém queria se envolver. O desespero de encontrar um carro da polícia ou um policial aumentava sua angústia. Não tinha mais sangue a perder. Uma sucessão de vultos exangues o comprimia na ilha da memória. Agora o ombro latejava e ardia, era o que o deixava alerta. Decidiu então correr de novo pela vida. Lembrou-se de

haver um hospital próximo, mas não estava certo sobre a direção a tomar. Pediu informação a um adolescente, parecido com seu irmão mais novo. Por sorte, o menino sabia. Mesmo muito assustado, temendo que algum perseguidor de Onirê se voltasse contra ele também, o menino Barazinho valeu-se do mantra da sobrevivência ensinado pelos pais em casa, nós por nós, e deu informações sobre a rota para o hospital. Onirê juntou todas as forças e vontade de viver e correu. Correu como um maratonista na reta final. A uma quadra do hospital, ameaçou desfalecer e implorou a um pipoqueiro: eu não sou bandido, me ajuda, senhor, por favor. O homem se levantou confuso e nem desligou o gás do fogareiro. Amparou o menino que podia ser seu neto e de imediato o avental branco ficou vermelho. A panela de pipocas transbordou e as flores do velho cobriram o chão. O que fizeram com você, meu filho? Tem atirador na escola municipal, eu estudo lá. Dois meninos invadiram o colégio com metralhadoras e machadinhas. Trancaram o portão, deram tiro pra todo lado e jogaram as machadinhas na gente que tentava fugir. Uma delas é essa que tá no seu ombro, meu filho? Sim, senhor. Eu pedi ajuda pra várias pessoas, mas

ninguém quis me ajudar. O vendedor de pipocas não segurou o choro, mas manteve-se firme amparando o jovem guerreiro a caminho da portaria do hospital. Lá preencheu a ficha, assegurou que Onirê era conhecido dele. Valendo-se da amizade que gozava com os funcionários da enfermagem, logrou atendimento rápido. Não largou da mão do menino na maca até que a mãe chegasse. Um homão daqueles, dezesseis anos, forte como um touro, correu cinco quilômetros com uma machadinha enterrada na clavícula. Sabia pelos comentários das atendentes que, três semanas antes, um menino negro, forte, parecido com Onirê, dera entrada no hospital, resfriado. Como o caso era simples, a mãe o deixara lá na seção de triagem e foi resolver aflições do desemprego. Quando voltou recebeu o corpo do filho. Nenhuma explicação. Morreu. Alguém da família, enquanto mudava a roupa do morto, notou que as carnes das costas estavam flácidas, pareciam engolidas pelo vão dos ossos. Percebeu também corte e linha dupla costurando o peito, a barriga, dois lugares nas costas. Abriam para ver. Tinha estopa no lugar do coração. Nas costas, um imenso oco. O pipoqueiro não deixaria que a história de Onirê tivesse o mesmo desfecho.

# Construção

No início de tudo, era chão batido. Ele não sabia como era feito. Sua lembrança da casa em obras começava no vermelhão, uma massa de cor intensa, à base de anilina, aplicada ao chão da cozinha. Crosta fina de cimento, areia, água e vermelho. O pai executava o serviço. A manutenção, feita com cera da mesma cor, cabia às crianças.

Nesse mesmo estágio da obra, que se estenderia por toda a vida, aplicava-se o amarelão nos dois outros cômodos, a sala e o quarto. De novo, cimento, areia, água e cor. Duas peças apenas, ainda bem. Única vantagem da casa pequena. O mesmo ritual da pasta vermelha se repetia com a pasta amarela na construção do piso. A manutenção novamente cabia às crianças. A cera amarela era pior para limpar dos dedos. Não raro,



as irmãs, sem tempo hábil para cuidar delas, deparavam com um cantinho de cera à noite, em horas impróprias.

Quando a situação familiar melhorou, trocaram o piso da cozinha por uma cerâmica vermelha, espécie de taco mais largo, talvez menos comprido. Ele nunca entendeu porque o chão da cozinha da própria casa e das outras casas da vila era vermelho. Regra a cumprir, ou moda a seguir, dava no mesmo.

No último estágio da obra eterna, trocava-se a cerâmica por azulejos de estampas horrorosas, as mais baratas. Entretanto, não havia dúvida de que aquele era o material que permitia a limpeza mais fácil.

Na sala e no quarto, o pai assentou tacos de madeira, substituindo o amarelão. A atividade lhe dava especial prazer. Contava orgulhoso que aos 14 anos, quando primeiro assinaram sua carteira de trabalho, fora como assentador de tacos, na firma do *Seu Pacífico*, mas lá já trabalhava desde os nove. Por aí o filho constatava a modernidade de certos conceitos. Trabalho infantil, por exemplo, na época do pai não existia.

Assentados os tacos, iniciava-se outra tarefa inglória para as crianças: passar palha de aço no chão para

amansá-los. “Passar” é eufemismo: a situação exigia esfregar com todas as forças e atenção para raspar uniformemente. O pai ensinou como devia ser realizado o trabalho, dos cantos para o meio, assim o malfeito pela preguiça não teria vez. A lógica do trabalho era que, no começo, mais descansadas, as crianças deveriam se dedicar à parte mais escondida, as laterais, ocupadas pelos móveis. O mais visível, o centro dos cômodos, ficaria para o final, porque, mesmo picadas pela mosca da preguiça, a visibilidade do espaço as obrigaria a fazer o serviço bem-feito.

Mas o amansamento dos tacos com a palha de aço produzia uma poeira infernal, um poeirão, como a batizaram, e todos os amansadores sentiam saudade do amarelão. Aquilo os fazia tossir, produzia coriza e engrossava as mãos. Dinheiro para creme hidratante não se via naquela casa e mesmo passar óleo de cozinha ou banha de porco na pele ressecada era escondido da mãe.

A aquisição de uma enceradeira elétrica modernizou o trabalho de dar brilho à casa. Uma irmã até tirou foto abraçada ao eletrodoméstico.

Do chão para as paredes, mais uma etapa da construção. O reboco cascudo feito pelo pai denotava falta

de tempo para passar a desempenadeira. As paredes nunca eram lisinhas como nas casas mais aquinhoadas. Mas, no ato de pintá-las, as crianças eram premiadas, podiam escolher a cor do quarto no vastíssimo leque de três opções: verde-pálido, azul-sem-fôlego e rosa. Tudo bem clarinho, porque uma pequena caixa de pó era diluída em um tanque de água e passava-se uma única mão de tinta na parede. Contudo, era divertido, os pequenos podiam apenas admirar um adulto trabalhando, sem qualquer obrigação infantil.

Das paredes para a laje, um salto nas alturas e na qualidade da participação dos pequenos. Dia de bater laje era dia de festa. Começava no dia anterior, quando a mãe ia ao supermercado comprar as carnes para a feijoada e deixava tudo imerso em tempero, para pegar gosto. As irmãs catavam quilos e quilos de feijão e arroz, descascavam alho, picavam cebola, cebolinha e salsa dentro das bacias feitas de lata de goiabada.

A gente nem conhecia a palavra reciclagem, mas era isso o que o pai fazia. Ele desmanchava a costura das latinhas de goiabada, abria uma por uma em cima da pedra de mármore, batia, batia com o martelo, transformava numa placa lisa, depois emendava com solda,

dava forma e estava pronta mais uma bacia para usar na cozinha. Por fim, o artefato secava ao sol e descansava uns dias de molho na água com vinagre, para tirar o gosto da solda.

No dia anterior ao enchimento da laje, o pai providenciava a cerveja e uns refrigerantes no supermercado, tudo marca fundo de quintal. No raciocínio dele, a criançada queria mesmo era o bigode de espuma do refrigerante e o “*tchiiii*” do gás. Estava certo no diagnóstico, mas errado na receita, porque os refrigerantes que ele comprava praticamente não tinham gás, nem faziam espuma. A cachaça era encomendada de um alambique próximo.

O pai levava aquelas compras no carrinho do supermercado, todo orgulhoso e eu, menino, fascinado pelo pai provedor, acompanhava as compras e o transporte. Depois de despejá-las em casa para a mãe ajeitar na geladeira e de o pai dizer bem alto o preço de cada coisa, eu devolvia o carrinho vazio.

O dia de bater a laje, propriamente, começava de madrugada. A rapaziada ia chegando, alguns acompanhados das esposas, talvez uma ou outra noiva, namorada, doida para mostrar serviço e ser acolhida no clã. A

filharada também vinha e os pequenos podiam brincar. Aos adolescentes eram destinadas algumas tarefas, distribuídas por sexo. Basicamente, mulheres de todas as idades na cozinha e homens e homenzinhos nas várias tarefas de preparação da laje: carregar areia, brita, cimento e água para a massa, prepará-la, encher vasilhas, carrinhos de mão, latas de 20 litros ou latinhas de 5, de acordo com o vigor físico ou a necessidade de exibicionismo do cabra. Era tudo transportado em andaimes inseguros de madeira, mas ninguém caía.

Por eles passavam também as vigas de ferro, cimento, os tijolos, tudo aos gritos, que o grito era demonstração exigida de força e macheza. A virilidade alheia era questionada nas mínimas atitudes do sujeito: na careta para erguer peso, nos queixumes sobre a dureza do trabalho, nas paradas para descansar fora dos momentos coletivos de descanso, até no deslocamento da área de serviço dos homens até a cozinha, terreno sagrado do mulherio, ou nas reiteradas escapadelas ao sanitário. Em qualquer dessas situações, o ser do sexo masculino era logo colocado no rol dos de “sexo duvidoso”.

Homem que era macho tinha de rir das piadas machistas, contar vantagens de conquistador, com certo cuidado para localizar as puladelas de cerca atuais no passado, na vida de solteiro, de garanhão bem-sucedido, afinal, da cozinha, as patroas a tudo prestavam atenção. E, se descuido houvesse nas narrativas do Indiana Jones do amor, o sujeito podia receber uma descompostura na frente dos amigos – humilhação terrível – e, no caso das senhoras mais drásticas, podia haver greve de sexo em casa, castigo desesperador.

Bater laje era mesmo um ritual de iniciação masculina. Ali as mulheres eram coadjuvantes, mas se vingavam no território da cozinha, onde também falavam de sexo. Diferentemente dos homens que contam vantagem sobre as mulheres da rua e santificam a esposa, as mulheres contam vantagens sobre os homens de casa. Abordam metragens, práticas e técnicas presentes na relação com o marido, sempre com o cuidado de colocar as virgens ou pretensamente virgens para correr, porque aquilo era assunto de mulher casada.

A moçada se fingia de besta, mas observava certos silêncios. Sabe lá se, quando solteiro, o marido daquela prima não teria dado umas voltinhas com a irmã

daquele cunhado e agora, todo mundo junto na cozinha, não estaria falando de assuntos bem familiares? Oxalá os tais encontros tivessem mesmo ocorrido na vida de solteiro.

Bater laje era uma escola, na qual se aprendia de tudo. A laje bem batida, depois do alicerce confiável, era condição essencial para os andares futuros que subiriam aos céus. Crescimento vertical da propriedade privada de quem não tem terreno. Multiplicação de tijolos e tetos do patrimônio familiar. O pai dizia que até João-de-barro faz casa de dois andares. É passarinho sábio e trabalhador.

# O dia que o livro foi traje de gala

Cerimoniosas, escolhemos na estante nossa melhor roupa. Aquela túnica-palavra que mais emprestasse sentidos para a vida. Palavras de amar, de desaguar, de comover, de temperar, movimentar, fazer vibrar, acordar, transcender, tropejar, de ventar fundo e causar tremor em todas as camadas das águas.

Nos vestimos belas e fomos para as ruas com nossas crianças que também escolheram as palavras que queriam vestir. Nossos livros ouviam e falavam pelo caminho até chegar ao lugar da grande escolha. Eram vistos, tocados, fotografados, inquiridos. Recebiam olhares de alegria, curiosidade, cumplicidade, consternação, aprovação.

A caneta e o lápis, companheiros fiéis dos livros, entraram em ação, e umas pessoas anotavam os títulos



das outras para pesquisar depois, para ler. Naquele dia o sonho da leitura como direito humano aconteceu. O sonho de sermos a agência da transformação pelo conhecimento, que antes de modelar os livros mora nas pessoas. O sonho do livro que não oprime, não humilha, do livro que é companheiro de luta e de caminho.

Naquele dia, orgulhosas, exibimos os livros que nos formaram, emocionaram, que nos fizeram mais humanas e que queríamos compartilhar com todos os seres, sem distinção. E fomos pássaros soltos, voamos alto. Continuamos em torno das roseiras, polinizando as flores, lutando e criando lugares de existência para permanecermos vivas.